

O papel da mulher no telejornalismo esportivo em Sergipe¹

Dandara PRADO²
Gustavo RODRIGUES³
Juliana ALMEIDA⁴
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

RESUMO

Este artigo pretende analisar a inserção da mulher na condução dos principais telejornais esportivos do estado de Sergipe, o Atalaia Esporte, veiculado na TV Atalaia, afiliada da TV Record e o Globo Esporte, veiculado na TV Sergipe, afiliada da Rede Globo, considerando a participação feminina nos telejornais esportivos no Brasil. Buscou-se entender se o crescimento do número de apresentadoras é uma linha editorial das empresas ou um diferencial que as mesmas trazem para público.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; esporte; mulher; mídia.

INTRODUÇÃO

Atualmente, temos uma presença maciça da mulher como apresentadora de telejornais esportivos no Brasil, mas nem sempre fora desta forma. A famosa ideia de que esporte é coisa de homem está ultrapassada. As mulheres hoje dominam, inclusive, a maioria das redações do Brasil. A luta árdua das mulheres por aceitação ainda perdura, mas é claro que com o tempo, elas conseguiram muito espaço na mídia.

Segundo Barbeiro e Rangel (2013), o âncora é a peça chave na comunicação da emissora com público, logo, é necessário que quem estiver apresentando deixe claro o que é informativo, interpretativo e opinativo. Ainda segundo os autores, é dever do âncora manter sempre uma postura crítica e cética, sem agradar, intencionalmente, alguém.

De acordo com Coelho (2011), era extremamente difícil, nos anos 70, ter mulheres atuando nos cadernos de esportes das empresas de jornal. O cenário foi

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNIT-SE, email: dandaraprado@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNIT-SE, email: gustavorsilva7@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNIT-SE, email: julianaalmeida.ufs@gmail.com

mudando com o passar dos anos, mais precisamente no final da década de 70 e início da década de 80, quando, por exemplo, já existiam mulheres como diretoras de jornalismo esportivo do Estado de São Paulo.

Há ainda poucos estudos sobre as mulheres no telejornalismo esportivo, principalmente no cenário sergipano. É de extrema importância que se estude um fenômeno que está virando uma padronização nacional, mas que não há registros de análises sobre o tema.

JORNALISMO ESPORTIVO

Havia muitas críticas em relação ao esporte, principalmente ao futebol. Graciliano Ramos até arriscou-se a dizer que: “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram com facilidade na terra do espinho”. (COELHO, 2011, p.7)

De fato, o jogo criado pelos ingleses ainda não teria muitos adeptos no, hoje chamado, país do futebol. Falar em jornalismo esportivo no Brasil é falar no começo dos anos de 1910. Existia no estado de São Paulo, um jornal que trazia notícias de um esporte não muito conhecido na época, o futebol. Era o jornal *Fanfulla*.

Não era nada detalhado, não trazia esquemas táticos, ou escalções, mas convidava os italianos a criarem um time de futebol, foi assim que se deu a criação do primeiro time da capital paulista, o Palestra Itália, o atual Sociedade Esportiva Palmeiras. “Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra” (COELHO, 2011, p.8).

Mas de fato, foi no Rio de Janeiro, em meados de 1931, que nascera o primeiro jornal especializado em esporte, o *Jornal dos Sports*. “O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí.” (COELHO, 2011, p.9).

Para traçar um paralelo interessante sobre a lenta evolução dos materiais de esporte no Brasil, basta recorrer a outros países e suas datas. Na Itália e na Argentina, por exemplo, as publicações exclusivas de esporte datam desde 1927. No Brasil, este tipo de material só foi aparecer regularmente quase 50 anos depois, na década de 1970. (BRETONES, 2010, p.13).

A partir desta década, o jornalismo esportivo começara a ter visibilidade através das crônicas, principalmente de Mário Filho e Nelson Rodrigues, até mesmo para retratar jogos violentos. A beleza utilizada nas palavras dos cronistas enchia o público de vontade de conhecer um esporte tão “lindo”.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí, Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. (COELHO, 2011, p.17).

TELEJORNALISMO ESPORTIVO E MULHER: DO PRECONCEITO À ASCENSÃO

Durante muitos anos, a mulher não foi levada a sério quando o assunto é esporte. Ainda não chegamos a um marco de igualdade, mas segundo Coelho (2011): “Homens e Mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões”. (COELHO, 2011, p.34).

Quando tratamos da mulher no jornalismo esportivo, é preciso voltar alguns anos. Desde o surgimento dos primeiros cadernos esportivos, das primeiras matérias sobre esportes, no Brasil, era impossível ver mulheres nas redações ou até mesmo escrevendo sobre esportes, e quando havia, o preconceito era gigante a ponto de desconfiar da capacidade de trabalho que a mulher poderia exercer.

Nos velhos tempos, o veterano Oldemário Touguinhó, repórter do *Jornal do Brasil* que faleceu em 2003, telefonava para redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha que ser passado pelo telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2011, p.35).

O panorama atual ainda é de preconceito, mas só começou a melhorar a partir do final dos anos 1970 e início dos anos de 1980.

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. (COELHO, 2011, p.34).

As mudanças ao decorrer das décadas começaram a ser visíveis a partir do momento que a essa inserção da mulher fora ganhando destaque, como por exemplo, Isabel Regiane que foi diretora de jornalismo no caderno de esportes do jornal Estado de São Paulo, em 1998.

Regiani Ritter, atriz e jornalista, considerada a pioneira, entre as mulheres, a cobrir esportes. Mais precisamente em 1983, quando trabalhava na Rádio Gazeta, recebeu o convite do então coordenador de esportes, Pedro Luiz Paoiello, para cobrir as férias dos repórteres esportivos da Rádio, durante o campeonato paulista de futebol, foi a primeira mulher a entrar em um vestiário masculino e entrevistar os jogadores. Pouco tempo depois, Regiani teve a oportunidade de cobrir a Copa do Mundo, em 1990, sendo então considerada a primeira mulher a realizar este feito. Foi âncora de programas durante a cobertura da Copa do Mundo de 1994. Em 2005, ela voltou à Rádio Gazeta, onde está até hoje, comandando o programa “Disparada do Esporte”.

Mas não apenas Regiani destacou-se no telejornalismo esportivo nacional. Outras grandes figuras notórias impulsionaram o crescimento feminino na condução dos programas esportivos. Historicamente a mulher perdurou para chegar até a bancada de esportes, o gênero passou por muitas lutas, assim como na maioria do mercado de trabalho em comunicação. Freitas (2004) discursa que:

A mulher é vista, analisada, comentada, classificada, mitificada não pelos homens aos quais decididamente não convém misturar sexo e esporte, mas é preciso começar a aceitar, a reconhecer, e a não ocultar várias formas de interação e atração humana, sejam classificadas como normais ou alternativas. (FREITAS, 2004, p.55).

De acordo com dados divulgados pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em 2013, as mulheres representam cerca de 64% do quantitativo de profissionais nas redações, mas nas de esporte, ainda seguem como minorias.

Como citam BRUM e CAPARRO (2015), em seu artigo, a *German Sport University Cologne*, fez um levantamento através do *International Sports Press Survey* (ISPS), realizado em 2011, apenas 8% das matérias esportivas são assinadas por mulheres, no mundo. No Brasil, esse número cai para 7%.

A mesma pesquisa mostrou que o jornalismo esportivo é um mundo masculino também na temática: do material veiculado em jornais de 22 países, 85% das reportagens é sobre atletas e modalidades masculinas e apenas 9% sobre mulheres atletas ou modalidades femininas (os outros 6% não especificam gênero.) (BRUM, 2015; CAPARRO 2015, p.960).

Hoje, as mulheres, por mais preconceito e desconfiança que ainda exista, são consideradas referências na apresentação dos telejornais esportivos. Fernanda Gentil,

Cristiane Dias, Mylena Ciribelli, Renata Fan, Glenda Kozlowski, na televisão aberta, Domitila Becker, Marcela Raffael, Bárbara Coelho, nos canais por assinatura.

Nos programas da Rede Globo, como o Globo Esporte, a primeira mulher a aparecer na condução do programa foi Isabela Scalabrini, em 1987, seguida de Mylena Ciribelli, quatro anos depois. Hoje, a condução do GE nacional é feita pela jornalista Cristiane Dias e Alex Escobar, que revezam as apresentações.

A EXPERIÊNCIA DO TELEJORNALISMO ESPORTIVO EM SERGIPE

Em Sergipe, nota-se a presença das apresentadoras Tâmara Oliveira, da TV Sergipe, afiliada da Rede Globo, e Rafaella Oliveira, da TV Atalaia, afiliada da TV Record, no estado sergipano.

A TV Atalaia começou com o programa Atalaia Esporte em 2014. O histórico de apresentação do telejornal é, em sua maioria, feminino. De lá para cá, o programa, que vai ao ar de segunda a sábado de 12h45 as 12h55 começou com a jornalista Lílian Fonseca, formada pela Universidade Tiradentes, que se desligou da empresa em 2016, dando lugar a Raimundo Macedo, que ficara pouco tempo até a chegada da jornalista Rafaella Oliveira, filha do radialista sergipano Rivaldo Sobral, que atualmente apresenta o programa. Aos sábados, Fábio Teles apresenta, ao lado de Rafaella, o Atalaia Esporte Especial.

Rafaella é nova no ramo do esporte, mas conseguiu remoldar o programa. Novo formato de apresentação e uma nova linguagem foram apresentados no telejornal esportivo, ao gerar maior interação com o telespectador através das redes sociais.

O sangue esportivo do pai corre nas veias de Rafaella, que ficou surpresa com o convite para ser a apresentadora, mas que, segundo ela, está encarando muito bem a novidade. Até o final da escrita deste artigo, a apresentadora completa 11 meses à frente do Atalaia Esporte e almeja chegar ainda mais longe com o programa.



Figura 01: Rafaella Oliveira na apresentação do Atalaia Esporte - FONTE: Site a8se

A TV Sergipe exibe de segunda a sexta o já reconhecido Globo Esporte. A atual apresentadora é Tâmara Oliveira, desde 2015, quando o então apresentador e coordenador de esportes, Marcelo Carvalho, desligou-se da empresa. Mas o histórico de apresentação do Globo Esporte SE é todo masculino. Além de Marcelo Carvalho, anteriormente, e durante o período dele na condução do jornal, passaram pela apresentação do jornal, o jornalista Vieira Filho, Rivando Góis e Fábio Teles.

Antes que Tâmara Oliveira assumisse a condução do telejornal esportivo, outra mulher também esteve na mesma posição, a jornalista Lanne Pacheco, que também já conduziu outro programa de esporte na emissora, o extinto Viva Esporte.



Figura 02 - Tâmara Oliveira comanda o GE Sergipe – FONTE: Instagram Comunicadores Sergipanos

Tâmara é formada em jornalismo pela Universidade Tiradentes, e está na TV Sergipe desde 2011, e foi produtora e repórter, tanto do esporte, como de outros departamentos, antes de chegar até a função de apresentadora do Globo Esporte.

O gosto da apresentadora pelo esporte vem desde pequena, e quando a oportunidade de trabalhar com o gênero lhe foi oferecida, a sergipana não pensou duas vezes e aceitou o novo cargo. Hoje, Tâmara Oliveira se sente realizada profissionalmente, e tem como inspiração para realizar o trabalho, as mulheres que estão em visibilidade nacional, como Fernanda Gentil, que atualmente apresenta o Esporte Espetacular, aos domingos na TV Globo, e Cristiane Dias, que faz inserções no Bom Dia Brasil, apresenta esporadicamente o Globo Esporte RJ.

Tâmara é a única mulher no atual departamento de esportes da TV Sergipe. Com ela, somam-se Thiago Barbosa, coordenador de esportes, Guilherme Fraga, repórter e Felipe de Pádua, produtor. São eles que auxiliam a apresentadora a colocar o jornal no ar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como base o histórico das mulheres no jornalismo esportivo. Uma luta que perdura décadas de aceitação e preconceito. A inserção da mulher no jornalismo esportivo é bastante recente, e as mesmas ainda têm de enfrentar desconfiças para realizar o trabalho que desempenham.

Contudo, é fato que o gênero feminino vem ganhando espaço nas grandes emissoras de televisão, principalmente quando o assunto é esporte. Ficou evidente que a máxima de “futebol é coisa de homem” está ficando no passado. Essa presença da mulher como condutora de um telejornal esportivo é tendência.

Por fim, em Sergipe, a inserção da mulher no telejornalismo esportivo agregou a ideia de que as mulheres estão, e podem sim, estarem presentes em qualquer editoria do jornalismo. Desde a criação do Atalaia Esporte, por exemplo, apenas mulheres apresentaram o telejornal esportivo, sendo substituídas esporadicamente por homens. Já no Globo Esporte, nota-se uma tendência mais nacional, o qual Sergipe não ficara de fora desta mudança editorial. O papel que elas exercem no telejornalismo local consegue ser destaque nas mídias locais e no público que o consome.

REFERÊNCIAS

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. **Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico**. 2010. Monografia. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Emmily Dayanna dos Santos. **A presença da mulher como âncora no Telejornalismo esportivo em Roraima**. 2013. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista. 2013.

MENEZES, Danielle. **Tâmara Oliveira fala sobre GE Sergipe e paixão pelo jornalismo esportivo**. Apresentadora destaca experiência de estar à frente do telejornal há um ano. 30/03/16. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/noticia/2016/03/tamara-oliveira-fala-sobre-ge-sergipe-e-paixao-pelo-jornalismo-esportivo.html>>. Acesso em 10/04/17.

REZENDE, Otto. **Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html>> Acesso em: 20/03/17.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: A invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro**. 2012. Trabalho de Conclusão de curso. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012.